

O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS EM SANTO INÁCIO DE LOYOLA

Benno Brod, S. J.

A busca de Deus em todas as coisas constitui o núcleo da espiritualidade e da oração de Santo Inácio e da Companhia de Jesus. Coloca-se-nos com isto a grande pergunta de *como*, sempre e em todas as coisas, achar a Deus e sua Vontade. É sobre isso que vamos refletir e dividiremos nosso estudo em três partes: primeiro, olharemos o Discernimento na Sagrada Escritura; em seguida, veremos a experiência de Santo Inácio no Discernimento dos espíritos; e, por fim, faremos algumas reflexões teológicas, espirituais e pastorais conclusivas.

I

O DISCERNIMENTO NA SAGRADA ESCRITURA

A Sagrada Escritura, desde o Antigo Testamento, tem uma tradição impressionante de *reflexão sobre a história* para ver o sentido dela, para descobrir a Vontade de Deus, manifestada através dos acontecimentos. É um esforço de interpretação dos acontecimentos à luz da fé.

Assim, conhecemos todo o trabalho dos Profetas, que são, por excelência, os leitores do designio de Deus enquanto ele se manifesta nos acontecimentos simples, históricos, econômicos, políticos, sociais e religiosos do povo de Israel. Por uma assistência especial de Deus (o dom da fé e da sabedoria), os Profetas sabem ler e interpretar a história de seu povo e descobrem nela um Plano de Deus, uma diretividade.

Os "Sábios" do Novo Testamento herdaram a mesma tradição: descobrir, diante de um acontecimento qualquer, especialmente diante de acontecimentos "chocantes", qual a Vontade de Deus que neles se manifesta. Numa linguagem teológica mais atual, nós diríamos: descobrir a Palavra de Deus nos sinais dos tempos. Assim, por exemplo, São Lucas nos refere que, na Anunciação do Anjo, Maria ficou pensando no que significaria aquela saudação. Muitas coisas estranhas que aconteciam com o Menino Jesus levaram José e Maria a refletir dias, talvez anos inteiros, para lhes descobrir o sentido. Quando os pastores e os magos

foram embora, louvando a Deus, Maria ficou "guardando tudo no seu coração". Igualmente a perda de Jesus no templo e suas palavras, que seus pais não compreenderam, foi objeto de meditação. Portanto, vemos sempre essa reflexão, esse esforço de discernimento.

O capítulo 7.º do Evangelho de São João pode ser considerado como que uma teologia do discernimento dos espíritos. Temos várias vezes a impressão que causa no povo o falar ou o agir de Cristo, e o povo se põe a refletir. Por exemplo, no versículo 12: "E na multidão só se discutia a respeito dele. Uns diziam: É um homem de bem. Outros, porém, diziam: Não, ele seduz o povo". Versículos 25-26: "Algumas das pessoas de Jerusalém diziam: Não é este, por acaso, aquele a quem procuram tirar a vida? E eis que ele fala em público. Será que as autoridades reconheceram nele o Cristo?" Versículo 31: "Muitos do povo creram nele e perguntavam: Quando vier o Cristo, fará mais milagres do que ele?" E no versículo 40: "Ouvindo estas palavras, alguns daquela multidão diziam: Este é realmente o Profeta. Outros diziam: Este é o Cristo. Mas outros protestavam: É por acaso da Galiléia que deve vir o Profeta?" Debatem, portanto, entre si todos os aspectos, todas as razões pró e contra.

No capítulo 10.º, quando Jesus fala do Bom Pastor, que é ele mesmo, João observa a certa altura: "Jesus disse-lhes esta parábola, mas eles não entendiam do que ele queria falar" (v. 6). Jesus continua falando, e no fim São João mostra como o povo continua refletindo e como as opiniões se dividem: uns achando que Jesus tinha um demô-

nio e delirava, outros ponderando: "Estas palavras não são de alguém que está endemoninhado. Acaso pode o demônio abrir os olhos de um cego?" (Jo 10, 19-21). Estamos sempre na linha da tradição profética, da busca da Palavra de Deus e da sua Vontade nos acontecimentos que são presenciados.

Pentecostes se evidencia, neste contexto, com uma força toda especial. Afinal, fora a respeito do Espírito Santo que Jesus tinha dito: "Eu teria ainda muitas coisas a vos dizer. Mas virá o Espírito Santo: ele vos introduzirá em toda a verdade" (Jo 16, 12-13). Acompanhem um pouco esses fatos: quando irrompe o Pentecostes, todas as pessoas acorrem atônitas, sem saber o que pensar. Não descobrem o significado de tantas coisas estranhas de que são testemunhas: os Apóstolos falando línguas, com um entusiasmo incomum, o ruído, o vendaval, etc. "Profundamente impressionado, o povo manifesta a sua admiração: Como é que eles falam e nós os entendemos em nossas línguas?" (At 2, 7s). E adiante: "Estavam todos atônitos, sem saber o que pensar, e perguntavam uns aos outros: O que significa tudo isso?" (At 2, 12).

No capítulo 5.º dos Atos temos outro exemplo: Pedro e João tinham sido presos, depois libertados e novamente presos. Em tudo isso os dois Apóstolos mostram uma extraordinária coragem e fortaleza. Impressionam pelas suas palavras, eles que não estudaram. Soltos, mas proibidos de falar sobre Jesus ao povo, logo voltam a pregar. São novamente presos e de noite misteriosamente libertados por um anjo. Em meio a tudo isso,

o sumo-sacerdote, os escribas e os chefes do povo começam a ficar perplexos e indagam entre si sobre o que significaria tudo aquilo. E aqui temos um pormenor impressionante: enquanto estão neste silêncio, nesta reflexão, procurando uma explicação a todos os fatos estranhos de que são testemunhas, sobrevém de repente algo que transtorna tudo, que os tira da tranqüilidade e da capacidade de reflexão. Alguém traz a notícia: "Os dois que metestes na prisão estão no templo ensinando o povo!" E como isso tudo desmorona; perdem a paz, nem têm mais condições de continuar a reflexão. Tinham tido uma hora de graça. Se ao menos neste dia tivessem conhecido o que lhes poderia trazer a paz! Mas o ocultaram a seus olhos (cf. Lc 19, 42).

Em Jope, Pedro sobe ao terraço para fazer sua oração ao meio-dia. Tem então a visão do lençol cheio de animais, visão que se repete duas vezes. Pedro se põe a pensar no que significaria aquela visão e as palavras do anjo que ouvira. E sabemos que se tratava de uma questão muito séria que agitou a primeira Igreja: admitir ou não os pagãos à Igreja, fazendo-os passar ou não pela observância da lei mosaica.

Finalmente, mais um fato sugestivo que os Atos nos narram, no capítulo 17: quando Paulo chega à Beréia (depois de pregar em outros lugares, donde, perseguido, se retirou), anuncia o Evangelho e os judeus de Beréia receberam a Palavra "com todo o coração" (At 17, 11). Mas, por dias a fio ficaram perscrutando as Escrituras para ver se tudo o que Paulo dizia a respeito de Jesus de Nazaré con-

feria com as Profecias; para ver se a Palavra atual que eles ouviam, os apelos atuais, conferiam com a Palavra revelada: "anakinontes tás graphás"!

Concluindo, podemos dizer que, sem termos (é claro) na Sagrada Escritura um método de discernimento, temos nela, de fato, o conteúdo. A Sagrada Escritura é, afinal, não somente a história dos "gestos" de Deus comprometendo-se com os homens, nem somente a história da resposta dos homens aos apelos de Deus, mas é também a história da descoberta desses apelos de Deus pelos homens. A Escritura nos mostra o carisma, a espiritualidade, a mística e a teologia dos "profetas", daqueles que procuravam discernir, à luz da fé, na trama dos acontecimentos, normais ou excepcionais, qual era a Palavra, a Vontade, o Desígnio de Deus em relação à humanidade.

II

SANTO INÁCIO E O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS

Santo Inácio nos dá uma verdadeira metodologia para fazermos o Discernimento dos Espíritos. Aqui, em primeiro lugar, vamos ver as experiências iniciais de Inácio e de seus companheiros, desde Paris até a Grande Deliberação de Roma; depois, a Grande Deliberação, a "Deliberatio Primorum Patrum".

1. *As primeiras deliberações de S. Inácio e de seus companheiros.*

Sabemos que Inácio, antes de iniciar sua atividade apostólica, e também depois de formar o seu grupo de "companheiros de ideal",

foi um homem do silêncio, da reflexão sobre tudo o que acontecia com ele. É o Inácio da solidão, que reflete o que fazer, que observa e analisa tudo, desde os seus movimentos internos de paz e gozo, ou de desolação e tristeza, na convalescença em Loyola, até as longas meditações sistemáticas em Manresa. Quando não sabe o que fazer, abandona-se ingenuamente à Providência: é o caso anedótico, do estilo dos Fioretti de São Francisco, em que deixa sua montaria tomar o caminho da direita ou da esquerda. A visão do Cardoner significou como que a compreensão fundamental do Plano de Deus sobre sua vida: viu-se radicalmente colocado diante do Criador e Senhor de todas as coisas e do apelo que ele lhe fazia. Foi uma experiência de iluminação profundamente mística, e Inácio não nos deixou dela uma descrição sistemática, mas ela vai estar espargida mais tarde ao longo do livro dos Exercícios Espirituais e nas Constituições. Uma vez fundado o grupo dos "amigos de ideal", faz todas as suas opções no *discernimento comunitário*. Nada mais se decide individualmente. Alguns passos dessa experiência dos primeiros jesuítas nos mostrará, sempre mais claramente, o método inaciano de fazer o Discernimento:

a) *Paris (1528-1536)*.

Aqui eu sigo e resumo um estudo do Padre Francisco Xavier Egaña, S.J.: "Orígenes de la Congregación General en la Compañía de Jesús" (Bibliotheca Institutii Historici, S.J. vol. XXXIII, Roma, 1972, pp. 1-16). Em Paris temos a primeira grande decisão em grupo, o voto de Montmartre. Inácio e seus compa-

nheiros determinam, após longa reflexão, não ir, por enquanto, a Jerusalém, como tinham projetado. Decidem fazer voto de pobreza, e depois irão a Jerusalém, se houver navios, para ajudar os fiéis e infieis. Alguém do grupo faz uma objeção: achava que se deviam dedicar só ao apostolado entre os infieis. Voltam a refletir e a discutir. Não chegam a ver claro, e então decidem finalmente voltar ao assunto em Jerusalém, por não acharem solução por enquanto; lá fariam oração sobre o assunto e decidiriam por maioria de votos. Manifestam suma seriedade e prudência: se não têm clareza, voltam a procurá-la e isso se notará sempre em Inácio: enquanto não houver clareza, não se toma decisão.

b) *No caminho de Veneza (1536-1537)*.

Inácio fica doente de estômago e é aconselhado a ir tratar-se em sua terra natal. Reúnem-se para decidir onde se encontrarão na volta dele. Seria em Veneza. Já sem Inácio, os outros decidem juntos quando e como ir a Veneza. No caminho decidem o modo de pobreza que vão adotar durante a viagem e como irão: se dois a dois, ou todos juntos. Reúnem-se para decidir tudo isso, todas essas coisas pequenas. Vão com isso aprendendo a procurar seriamente a vontade de Deus em tudo. E aos poucos aparece um verdadeiro método para achar com mais verdade a vontade de Deus no discernimento: preparam-se à decisão pela oração, confissão e eucaristia; propõem as várias opções e as discutem entre si por ordem; finalmente se tomam as decisões que mais ajudam ao fim que intentam, por maioria de

votos; e, depois de decidir, dão graças a Deus. Portanto, tudo é iniciado com a oração, com a qual querem se tornar atentos à Palavra de Deus; segue a reflexão, diante de Deus, sobre quais os modos que mais levam a fazer a vontade divina, e, no fim, um último olhar para Deus, na gratidão.

c) Em Veneza (1537).

Em Veneza os companheiros se reúnem para decidir como empregar melhor o tempo enquanto esperam o navio para ir à Terra Santa: servir aos pobres e ir a Roma pedir a bênção do papa para seus projetos. No caminho de Roma discutem e decidem em comum qualquer dificuldade que apareça. Irrompe a guerra entre Veneza e os turcos: não há mais navios. Reúnem-se e decidem esperar um ano. Novamente se reúnem e decidem se ordenar. Finalmente decidem não mais trabalhar só com os pobres, porque isso lhes tira muito tempo e não lhes deixa a paz desejada para crescer. Decidem então trabalhar em diversos centros, em diversas cidades, por pequenos grupos.

d) Em Vicenza (1537).

Nesta cidade se encontra o pequeno grupo apostólico de Inácio, formado ainda por Laynez, Fabro e Coduri. Os quatro decidem e fazem tudo no discernimento comunitário: reúnem-se para organizar o apostolado. Como ainda não há navios para Jerusalém reúnem-se todos os grupos e resolvem consagrar-se ao trabalho nas diversas cidades universitárias da Itália. Decidem juntos a composição dos grupos. Na primeira vez tinham formado os grupos ti-

rando sorte. Agora não mais tiram sorte, mas refletem sobre isso: o que é melhor? O prazo de o navio partir chega ao fim. Inácio está em Roma. Decidem encontrar-se com ele em Roma para a importante decisão do que fazer agora, já que a esperança de poderem realizar a viagem à Terra Santa, objeto do voto em Paris, desapareceu para sempre. Deve também ser desse tempo a decisão do nome que deram ao grupo. Refere o Padre Polanco que, como não tinham chefe nem prepósito algum — isso é interessante observar: não tinham nenhum superior propriamente dito do grupo — decidem que se chamarão “Companhia de Jesus”, porque Jesus seria e era o único chefe deles. Em todas essas decisões sempre precedia a oração, a fim de se colocarem numa disposição de alma aberta, pobre, disposta a descobrir a Vontade de Deus.

e) Em Roma (1537-1539)

Pedro Fabro, Laynez e Inácio, que foram a Roma antes dos outros companheiros, decidem juntos o apostolado que na cidade eterna iriam exercer: Inácio dá os Exercícios Espirituais e os outros dois se ocuparão do ensino na Sapienza. Quando vêm os companheiros, tomam várias decisões em comum. Em Veneza, por exemplo, cada um tinha sido, por seu turno, o representante do grupo por uma semana. Agora aumentam o prazo para um mês; mas ainda não têm propriamente um superior. Deliberam sobre os pedidos de alguns novos que se apresentam para entrar no grupo deles, novas vocações. Reúnem-se, rezam, refletem e decidem. Reúnem-se novamente para deci-

dizer se deixam Roma diante da perseguição que sofrem por parte do agostiniano Mainardi. Todos acham que deveriam sair para deixar passar a tempestade, e temos então a única vez em que S. Inácio sozinho vai contra todo o resto do grupo: diz que não devem sair, mas enfrentar a situação. Esta objeção de Inácio é feita durante o debate, não depois da decisão final — porque nunca decidiam enquanto não chegavam à unanimidade.

2. A *"Deliberatio Primorum Patrum"* — Roma (1539).

Finalmente vem a grande decisão do que agora fazer da Companhia. É nesta deliberação que o método de discernimento dos espíritos é levado à maior perfeição. O objetivo de ir para Jerusalém, como vimos, desaparecera definitivamente. Afinal, isso tinha sido o objetivo do grupo, conforme o voto de Paris. Então, o que fazer?

Vamos acompanhar; passo por passo, todos os momentos da Deliberação, já que nela está o núcleo de toda a metodologia de Inácio. Veremos primeiro uma Introdução, depois o próprio desenrolar histórico da Deliberação, e finalmente uma análise dela.

a) Introdução.

É nesta Deliberação que o grupo de Inácio segue o que poderíamos chamar de método definitivo, sistemático, científico do Discernimento comunitário. Inácio já o ensaiara há vários anos nos Exercícios que dava. Fazia o retirante fazer o discernimento. Mas era um discernimento individual, ainda que não totalmente, porque o retirante sempre contava com o eco do diretor dos Exercícios. Mas ago-

ra se trata de uma deliberação realmente comunitária, feita em grupo e pelo grupo. Também no grupo de companheiros o método fora sendo tentado, amoldado e aperfeiçoado.

Devemos recordar que os dez companheiros ainda não tinham nenhuma constituição jurídica, nenhum voto de obediência a um superior. Inácio certamente era considerado no íntimo de todos como o irmão mais velho, e mesmo como o pai do grupo. Mas não como superior hierárquico. Eram um grupo espontâneo de homens que sentiram uma vocação de Deus e se encontraram neste mesmo chamamento. A grande deliberação, portanto, se faz numa Companhia onde não há ainda voto de obediência. Hoje a Companhia já não é assim. Por isso há uma diferença fundamental entre um grupo de jesuítas que hoje faz o discernimento comunitário e o primeiro grupo de Inácio. Hoje temos voto de obediência, temos constituição jurídica e superiores dentro da Companhia, não só na Companhia como um todo, mas também em suas províncias e casas. Numa comunidade que hoje faz discernimento, coloca-se uma pergunta essencial: qual é o papel do superior, desde o Geral, o Provincial, até o superior de uma casa? Qual seu papel no interior de um discernimento comunitário? Não entramos aqui nesta questão, mas, tendo tomado consciência dela, vejamos mais detalhadamente o que foi aquela "Deliberação dos Primeiros Padres", considerada prototípica.

b) O histórico.

Tratava-se do seguinte: como o objetivo do grupo, assim como o

tinham projetado em Paris (trabalhar entre os fiéis e infiéis da Terra Santa) tinha desaparecido, perguntavam-se se se dispersariam, ou se ficariam unidos; se formariam uma nova Ordem e se, por conseguinte, fariam voto de obediência a um superior do grupo.

A Deliberação dos Primeiros Padres durou pelo menos uns três meses, de abril até junho de 1539.

Eram dez os componentes do grupo. Nem sempre estavam todos presentes durante a Deliberação, mas o que se decidisse engajaria a todos, presentes e ausentes! Faltava às vezes um; no máximo chegaram a faltar três.

Reuniam-se à noite, na casa de um amigo, Antonio Frangipani. Durante o dia se dedicavam aos costumeiros trabalhos de caridade e apostolado, pensando e orando sobre os pontos a tratar de noite.

O procedimento seguido para achar a vontade de Deus foi o seguinte:

— Insistir, durante o dia, na oração; ou durante os dias, pois não se encontravam cada noite. Essa oração era uma oração sobretudo pessoal.

— Usar toda a diligência humana possível. Quer dizer: procurar compreender, digamos assim, cientificamente, todos os dados, pró e contra, da questão a decidir. E para isso seguiram os seguintes passos: determinar claramente a

questão: "vamos tratar agora do seguinte"; refletir sobre ela sozinho; depois expor no grupo as opiniões de cada um, aduzindo as razões que acharam na sua reflexão e oração; votação e aceitação, por todos, da solução que tivesse mais votos e mais razões eficazes.

Segundo este método, chegaram a um resultado quanto à primeira grande questão: se continuariam unidos ou se acabava a história deles como grupo. Foi fácil decidir que deveriam continuar unidos. Mas na questão da obediência, portanto de formar realmente uma Ordem Religiosa, o método até então empregado não deu o resultado desejado: não chegavam a uma conclusão que "contentasse suas almas". Nem depois de muitos dias de oração e discussão.

Reexaminam então o método e estabelecem o seguinte:

— Deveria proceder uma preparação espiritual mais intensa, que consistia em: *primeiro*, colocar-se na disposição de alma do "terceiro grau de humildade" (1). É a máxima perfeição que Santo Inácio também exprime na Regra 11 das Constituições. *Segundo*, guardar silêncio com os homens, para ouvir melhor e só a voz de Deus. *Terceiro*, des-subjetivar o problema, isto é, decidir não como se decidissem uma questão deles, mas como se decidissem algo que valesse para outros. Assim tiravam

(1) No livro dos Exercícios Espirituais, Santo Inácio explica assim este terceiro grau de humildade: "O terceiro modo é humildade perfeitíssima: a saber, quando, incluindo o primeiro e segundo e sendo igual o louvor e glória da Divina Majestade, para imitar e assemelhar-me mais efetiva-

mente a Cristo Nosso Senhor, quero e escolho antes a pobreza com Cristo que a riqueza, opróbrios com Cristo coberto deles que honras, e prefiro ser tido como néscio e louco por Cristo, que primeiro foi tido como tal, a passar por sábio e prudente neste mundo" (n.º 167).

tudo aquilo que poderia ser inclinação pessoal, ou autodefesa.

Vemos que é radical esse conjunto de exigências. O mesmo encontramos na Eleição dos Exercícios Espirituais. E assim, após toda essa preparação, se seguiu a discussão que, por sua vez, era também mais ordenada:

— Durante um primeiro momento só discutiam as vantagens, e depois só as desvantagens. Um dia os prós, e no outro os contras, expondo tudo o que acharam, todas as circunstâncias, todas as razões. Todos expunham o que acharam e, em seguida, discutiam e confrontavam tudo entre si, para verem as “razões mais eficazes”.

E chegaram ao resultado: todos unanimemente “sentiram” — é a palavra que se usa — qual a Vontade de Deus: formariam uma Ordem Religiosa.

Contudo, voltaram no dia seguinte para “confirmar”, para rever tudo. E assumiram a conclusão a que tinham chegado.

c) Análise.

Analisando um pouco mais essa Deliberação e seu método, queremos destacar o seguinte:

Em primeiro lugar, percebemos que em toda essa Deliberação estão envolvidas a oração e a reflexão. É a oração daquele grupo, naquele momento histórico, que procura descobrir a Vontade de Deus a seu respeito. Depois, parece-nos que, no método de S. Inácio e de seus companheiros, temos os seguintes grandes elementos básicos: *primeiro*, a disposição da alma; *segundo*, a diligência pessoal, a reflexão, o estudo de todas as razões que conseguissem descobrir

com sua inteligência humana; *terceiro*, encontro do grupo; *quarto*, julgamento e avaliação das razões; *quinto*, o “sentir” a Vontade de Deus; e *sexto*, “confirmação” e ação de graças. A oração explícita está mais no primeiro, no quinto e no sexto momentos.

Algumas considerações a respeito de cada elemento:

1.^a) A disposição da alma.

Trata-se, antes de mais nada, de uma exigência radical prévia: a “indiferença inaciana”: tanto faz que descubramos isto ou aquilo; se for isto, assumi-lo-emos; se descobrimos o contrário, com a mesma disponibilidade tomaremos a direção contrária. A “disposição da alma” também implica em colocar-se diante de Deus, “na paz e no gozo do Espírito Santo”: “quod unusquisque niteretur in inveniendo gaudium et pacem in Spirito Sancto”. Portanto, não só humanamente estar indiferente, mas diante de Deus, em Deus, no Espírito Santo. Pergunto-me se eu, olhando nos olhos de Deus, estou totalmente tranqüilo. Não me escondendo, nem escondendo qualquer coisa, mas numa total abertura: estou tranqüilo? A essa “disposição da alma” pertence ainda o estar disposto ao terceiro grau de humildade, isto é, preferir sofrer como e com Jesus e por amor a ele, do que gozar de honra e reconhecimento, pelo simples motivo de ser mais semelhante a Cristo. Inácio e seus companheiros querem procurar a vontade perfeita de Deus: “quaerere Dei beneplacitam et perfectam voluntatem”. Levaram dias se dispondo na oração, pois significava chegar a uma libertação total no seu interior.

2.^a) A diligência pessoal.

É a reflexão, em que se procuram todas as razões humanamente possíveis e ao alcance da inteligência. Aqui teríamos, talvez, — se quiséssemos falar em dons do Espírito Santo — o dom da ciência: trata-se da própria capacidade da inteligência humana. É um dom de Deus, mas, digamos assim, um dom humano, uma “faculdade” humana. É diferente do dom da sabedoria que encontraremos em outro momento: no “sentir” e na “confirmação”. A diligência pessoal consiste, portanto, como dizíamos, em colher todos os dados que puderem ser colhidos, contra e a favor. Durante essa diligência pessoal, Inácio e seus companheiros exigiram de si o não falar com ninguém sobre o assunto. Cada um, com as suas possibilidades, com a sua capacidade, sem se deixar influir, refletindo sozinho, procurava todos os dados e pesava todas as razões.

3.^a) O encontro do grupo.

O grupo se reúne e todos expõem o que acharam, e expõem também se chegaram à liberdade interior, ao gozo e paz no Espírito. Expõem e discutem sistematicamente os prós e os contras de todos.

4.^a) O julgamento.

É feito por maioria de votos. Quando todos expuseram tudo o que tinham achado, então fazem votação. Porém, nunca, em todos esses Discernimentos do grupo de Santo Inácio, está dito que a maioria de votos equivale, de per si, à decisão final. A simples maioria de votos não significa terem achado a Vontade de Deus. Há mais um

pormenor muito fino: maioria de votos, sim, porém junto com as “razões mais eficazes”. Assim é afastada toda a possibilidade de pressão no grupo. Nunca o voto foi sacralizado como se fosse a manifestação definitiva da Vontade de Deus.

5.^a) O quinto momento é o “sentir”.

Palavra da qual é difícil dizer todo o significado e conteúdo. Mas é certamente a palavra-chave em todo esse Discernimento. Comporta aquele “gaudium et pacem in Spiritu Sancto”, ou a “consolação”, que é descrita no livro dos Exercícios. É ter na alma aquela “moção interna com que nos inflamamos no amor para com nosso Criador e Senhor, e, em virtude da qual, a nenhuma criatura sobre a terra podemos amar em si mesma, mas só no Criador e Senhor de todos” (Exercícios Espirituais, n.º 316). Portanto, é ter aquela libertação e inteira alegria no Espírito Santo. Consolação, segundo o mesmo livro dos Exercícios, também se chamam as “lágrimas que movem ao amor (e que são) suscitadas pela dor dos pecados, pela Paixão do Senhor ou por outras coisas ordenadas diretamente a seu serviço e amor” (ibid.). Ainda é consolação “todo o aumento de esperança, fé e caridade” (ibid.). Trata-se, portanto, de um sentir teológico, que só se tem em Deus e de Deus. E, finalmente, consolação é toda a “alegria interior que nos chama e atrai para as coisas do céu, levando-nos a cuidar da verdadeira salvação da nossa alma, tranqüilizando-a e pacificando-a em nosso Criador e Senhor” (ibid.). São colunares estas palavras; simplesmente radicais na sua exigência.

Quanto à obediência, por exemplo, o grupo de Inácio levou muito tempo para pô-la em votação, como vimos antes. Discutiram muito, mas não acharam a melhor verdade. Por quê? Porque “não sentiam” onde estava a paz. Viam as razões, viam o resultado das votações, mas não se sentiam tranquilos. Não sentiam o “gaudium et pacem in Spiritu Sancto”. Isto não é mais algo jurídico, apenas humano ou intelectual. Vai ao terreno do místico. “Nihil occurrebat quod impleret animos nostros”: não nos ocorria nada que satisfizesse nossos corações. É um novo dom do Espírito Santo, mais profundo que o dom da ciência: é o dom da “sabedoria”, do “sabor” da Vontade de Deus.

6.^a) *E finalmente vem a confirmação e ação de graças.*

No outro dia voltam para se perguntar: como nos sentimos? De facto confirmamos o que vimos e sentimos ontem? Na mesma paz e gozo do Espírito? Confirmamos — no Senhor — aquilo que tínhamos descoberto? É a última e definitiva resolução, feita totalmente numa atitude orante frente ao Pai. Trata-se, portanto, de olhar a Deus nos olhos para lhe ver os movimentos, para lhe ver o interior, para ver sua Vontade. É um *ver-se* em Deus e um *ver-se visto* por Ele, frente a frente. (Fazemos aqui uma observação que nos parece muito importante: tudo aquilo que vimos e discutimos por ocasião da palestra do Pe. Oscar Mueller sobre as fixações afetivas e os complexos negativos, volta a ser capital aqui no Discernimento. Pois é evidente que, para se poder ter esta paz, para se poder olhar com verdade

nos olhos de Deus, é necessário que a gente tenha uma imagem verdadeira de certas coisas, de si mesmo e principalmente de Deus. Se não, todas as distorções, que talvez se infiltraram em nós desde a infância, nos bloqueiam e impedem que sua verdade se nos manifeste. Muita coisa seria certamente distorcida, inconscientemente, por nosso modo falso de ver a Deus). A *ação de graças* é a última olhada para Deus, a última escuta e o último gesto de amor. É, de novo, o último olhar para os olhos do Senhor.

Concluindo, podemos dizer que a sincera procura desta paz, desta indiferença, desta confirmação, é a procura sincera da liberdade interior. É um estar desarmado, sem pre-conceitos alguns, sem radicalismos conscientes, nem, se possível, inconscientes, sem classificação prévia de dados, acontecimentos ou pessoas. Estamos no âmago da espiritualidade de Santo Inácio. É fácil constatar quanto é difícil ter tal atitude. Por exemplo, a gente fala de tal ou tal pessoa em evidência, digamos de Dom Helder Câmara: espontaneamente, o que ele disse vem colorido com prós ou contras, com pre-conceitos, ou com pós-conceitos acriticamente formados. Outro exemplo: uma canção de Roberto Carlos. Seria maravilhosa... se não fosse dele; mas, por ser dele, talvez haja em muitos qualquer reação instintiva, pre-concebida, pre-estabelecida que bloqueia e distorce uma apreciação livre. Em tais condições, não há possibilidade de “achar a verdade”, pois não existem na gente os pre-requisitos necessários. E eu pergunto se haveria na Igreja os radicalismos, inamovíveis de suas trincheiras, que muitas ve-

zes verificamos, de "progressistas, e "conservadores" que não conseguem mais dialogar, mas que se brigam, que firmaram posições e se definitivizaram nelas. Tudo isto não existiria se tivéssemos esta liberdade interior, esta que-nose na procura da Vontade de Deus, na verdade e na paz do Espírito Santo. Aqui eu lembraria uma passagem de Frei Leonardo Boff: diz ele que um elemento desta paz é a pobreza, a capacidade de desinstalação. Escreve ele: "A tendência geral do homem, e, em particular, das instituições, é estagnar-se no arranjo existencial bem sucedido dentro de uma determinada época. Surgem então os mecanismos de autodefesa e a mentalidade dogmática, que teme e reprime toda espécie de crítica, feita em nome da funcionalidade de todas as instituições e da abertura permanente para o futuro, que a sociedade deve sempre guardar se não quiser perder o ritmo da história. Daí o elemento crítico... frente às tradições... e instituições... que hoje se tornaram, muitas vezes, obsoletas, anacrônicas e um centro de conservadorismo emperrador..." (Jesus Cristo Libertador, Vozes, 1972, pp. 58-59). Pobreza e escuta para continuar na marcha, nas novas vontades de Deus, nas novas Palavras que ele nos diz. Para se fazer esta crítica, esta releitura, esse discernimento, é necessário ser criança (cf. Lc 10, 21; Mt 18, 3-4), um menino de escola que ainda não cavou seu nicho existencial, necessitando de defendê-lo, e necessitando de defender-se dentro dele, porque esse nicho é sua segurança (id.).

III

REFLEXÕES TEOLÓGICAS, ESPIRITUAIS E PASTORAIS

1. O Discernimento dos Espíritos segundo o método de Santo Inácio é, certamente, uma das contribuições mais próprias deste Santo e da Companhia de Jesus à espiritualidade da Igreja. É esta, me parece, sua contribuição específica, carismática. Os Exercícios Espirituais, em seu núcleo essencial, consistem nisso: descobrir e eleger a Vontade de Deus, ou, em palavras de uma teologia a que estamos hoje mais acostumados: em responder à Palavra de Deus que me é dita nas circunstâncias de tempo, pessoas e cultura em que vivo. Como os Profetas do Antigo Testamento descobriam a Vontade de Deus nos acontecimentos que eles e seu povo viviam. O Discernimento dos Espíritos constitui a base de toda a formação e espiritualidade da Companhia de Jesus. As Constituições nos dizem que ser jesuíta é buscar a Deus em todas as coisas: in omnibus quaerere Deum, e todas as coisas em Deus.

Infelizmente, a busca de Deus em tudo foi, muitas vezes, interpretada simplesmente como devendo ser um esforço de fazer tudo com "reta intenção", isto é, em consagrar, em dedicar, em oferecer-lhe aquilo que faço, sem talvez me questionar profundamente se aquilo que eu fazia era o que ele queria! Se eu descubro sua Vontade no discernimento e lhe respondo fazendo-a, já não preciso mais "fazer" reta intenção, estou na "intenção" reta, na direção, na orientação a ele! Não é o meu dizer: "faço isto por amor a Deus,

para a glória de Deus, para o bem do Reino", que faz minhas ações terem reta intenção. Intenção é "intendere", buscar a Deus, tender para ele.

Se vivo nesta verdadeira "intenção", então sempre poderei ser um homem feliz, estarei sempre no meu lugar, mesmo se amanhã tivesse que fazer o contrário do que hoje estou fazendo. "Quem perder a sua vida por minha causa, salvá-la-á" (Lc 9, 24). Serei livre, pronto para qualquer trabalho e lugar. Lá onde estiver, estarei na minha verdade, porque estou na Vontade e na Verdade de Deus. Não sou mais um homem que tem que garantir ansiosamente posições adquiridas, nichos, arranjos existenciais. Só tem medo de perder sua posição aquele que não acredita encontrar sua verdade em outro lugar, sua solidez em outro trabalho. Assim a gente poderá responder em plenitude à voz de Cristo em todos os momentos da vida, como diz o Pe. John Futrell (*Discernimento Inaciano*, Ed. da Cúria Provincial, S. J., Lisboa, p. 11).

2. Quanto à paz e gozo no Espírito Santo, ainda umas observações. É, como vimos, a certeza "sentida" da verdade, a "consolação", o "aumento de fé, esperança e caridade". Tudo isso, porém, não quer dizer que, para chegar a esta paz, não se passe às vezes, ou, quem sabe, muitas vezes, por lutas dolorosas. Ver com clareza a Vontade de Deus, ouvir distintamente sua Palavra, nos pode pôr em pânico; pode colocar em processo de reação violenta todas as forças de resistência que temos no nosso interior. É impressionante a palavra da Carta aos Hebreus (4, 12) e que descreve a ação da Palavra de

Deus no homem: "A Palavra de Deus é viva, eficaz, mais penetrante do que uma espada de dois gumes, e penetra até a divisão da alma e do corpo (alguns códigos dizem: "até a divisão da alma e do espírito", o que parece indicar algo ainda mais interior ao homem), e das juntas e medula, e discerne (ou, segundo outra tradução, "julga") os sentimentos e pensamentos do coração". A penetração da Palavra de Deus em nós pode deslanchar uma resistência, uma reação em cadeia, de todos os nossos sentimentos opostos, talvez não dispostos a se desinstalar, resistentes em seguir a Vontade de Deus. A Palavra de Deus é imperdoável, nos põe em cheque, separa, divide, distingue o bem e o mal dentro de nós. Nada "lhe fica invisível. Tudo é nu e descoberto aos olhos de Deus" (Hb 4, 13). O próprio Cristo é um exemplo desta luta, desta "agonia" no Horto. Sua sangue, cai extenuado por terra, implora ao Pai que o liberte daquele cálice, procura auxílio junto a seus amigos. Foi uma agonía de vida e morte, uma "tristeza mortal" (Mt 26, 38). Seu sim foi um amém doloroso à Palavra do Pai, à Vontade dele. E esse amém só se transformou em aleluia de paz e de alegria na manhã da Ressurreição. Talvez outros exemplos de semelhante luta para se "render" à Palavra de Deus seriam: Abraão naquele seu êxtase de pavor, diante do seu altar, ao cair da tarde, quando Deus lhe propunha fazer aliança com ele (cf. Gen 15, 12); a luta de Jacó com o Senhor, ao atravessar, à noite, o vau de Jaboc (cf. Gên. 32, 24-32); os emocionantes capítulos 3.º e 4.º do Êxodo: Moisés, o futuro libertador do povo

oprimido, resistindo desesperadamente à vocação de Deus, para afinal se entregar e se transformar num dos mais extraordinários líderes que a história dos povos conhece; Jeremias é o exemplo típico de um Profeta que lutou a vida inteira: "a Palavra do Senhor converte-se para mim, dia a dia, em insultos e escárneos, e eu disse a mim mesmo: Não a mencionarei mais!" (Jer. 20, 8-9) A Palavra de Deus era para Jeremias "um fogo devorador a se encerrar nos seus ossos" (Jer. 29, 9), e, por outro lado, essa Palavra "constituía a alegria e as delícias do seu coração" (15, 16); lembremos ainda o recalci-trar de Paulo contra o agulhão (At 26, 14).

3. Portanto, pelo Discernimento dos Espíritos queremos descobrir a Vontade de Deus. Por ele queremos ter a atitude fundamental e radical de nos nortear sempre para Deus, para o serviço do seu Reino. Queremos ler e acolher a sua Palavra, Palavra que ele nos diz agora, na trama dos acontecimentos, em nossa história e na história dos homens, isto é, nos "sinais dos tempos". Podemos distinguir a "palavra transcendente", revelada em Cristo, e uma "Palavra imanente", existencial. Esta Palavra imanente à história atual é ambígua; deve ser *conferida com Cristo*, no qual está a Palavra in-ambígua, unívoca, definitiva, referencial. É necessário que a Palavra de Deus se encarne em todas as realidades; que em nós aconteça o acolhimento, a encarnação da Palavra, do Verbo, analogicamente à encarnação do Verbo no homem Jesus de Nazaré. Para isso, é necessário que estejamos atentos à Palavra que Deus nos diz. Os acontecimentos

mundiais devem, por conseguinte, estar presentes em nossa vida. É necessário que eles façam parte do nosso "breviário de cada dia", onde, à luz do nosso breviário bíblico, discernimos os apelos, os questionamentos de Deus, suas vocações que se transformam para nós em missões. É este também um dos objetivos do nosso diário exame de consciência. Assim, para quem sabe ler, na fé, os fatos da história, estes se transformam em sinais de Deus dentro do nosso tempo. Por exemplo, o fato que ocorreu no ano passado em Roma, na Basílica de São Pedro: a quebra da estátua da Pietà de Miguel Ângelo. Os jornais e, por eles, muitas pessoas logo falaram em "demente", referindo-se ao homem que martelou a obra de arte. Possivelmente, ou mesmo provavelmente, tenha de fato sido um demente. Mas Dom Valfredo Teepe, numa palestra sobre a oração, feita em Porto Alegre a religiosos, fez uma pergunta: "Aquilo não poderia significar outra coisa? A Igreja não se tornou, para muita gente, demais guardadora de objetos de museu em vez de libertadora dos homens? Não volta demais a atenção às riquezas mortas do passado, em vez de se consagrar, de corpo e alma, à pobreza dos homens de hoje?..." Precisamos de um espírito desarmado para discernir um fato desses e ler nele, quem sabe, uma Palavra de Deus à sua Igreja. Outro exemplo: se os jornais destes dias diziam que a Guerra do Vietnam custou 137 bilhões de dólares, que questionamento nos lança Deus?... Mais um exemplo: se tanta gente não encontra na Igreja Católica aquilo que o coração humano procura (com todas as im-

perfeições e distorções que há nesta procura), se tanta gente vai procurar o espiritismo, as religiões pentecostais, temos que nos perguntar, pobre e sinceramente, o que isto significa e o que Deus nos está dizendo.

Ainda uma observação: é sabido que os regimes totalitários não permitem contestação. Os intelectuais são "queimados" em tais países; a imprensa é censurada, porque o regime instaurado não permite que seus atos sejam "julgados". O trabalho de "conscientização" de Paulo Freire e do MEB sofreu esta "queima" no Brasil. Toda a autoridade, para ter o direito de governar, deve ter a capacidade de aceitar o desafio da contestação e do julgamento. Num célebre discurso Paulo VI disse que queria que na Igreja houvesse "opinião pública".

O Discernimento é dom do Espírito Santo: "Teria muitas coisas a vos dizer ainda; mas o Espírito Santo vos introduzirá no conhecimento de toda a verdade" (Jo 16, 12-13). É este dom da Sabedoria

que nos fará ser leitores e profetas da Palavra que Deus nos diz hoje. O "Sábio" estima que a Sabedoria vale mais do que tudo; que "todo o ouro ao lado dela é apenas um pouco de areia, e que todo o dinheiro diante dela é como lama" (Sab 7, 9). "Há nela um espírito inteligente, santo, único, múltiplo, sutil, móvel, penetrante, puro, claro, inofensivo, inclinado ao bem, agudo, livre, benéfico, benévolo, estável, seguro, livre de inquietação, que pode tudo, que cuida de tudo, que penetra todos os espíritos, os inteligentes, os puros, os mais sutis" (Sab 7, 22-23). Se a Sabedoria é *dom* do Espírito, nós só a podemos pedir na pobreza e na humildade, mas também na confiança, pois ela nos foi prometida por Cristo: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará um outro Paráclito, para que fique eternamente convosco. É o Espírito da verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós" (Jo 14, 16-17).